

EDITORIAL

Desde o seu início, o desenvolvimento da Teoria da Literatura como disciplina autônoma abrigou a intenção de estabelecer paradigmas de cientificidade seguros, conferindo o máximo de *objetividade* possível à análise do fato literário. Passado quase um século, porém, pouco parece ter restado dessas pretensões de objetividade. O aprendizado duro da hermenêutica, da desconstrução, da estética da recepção e do multiculturalismo teria levado ao descrédito a oposição simples entre o “desinteresse” associado à análise textual imanente e o “interesse” associado à atribuição de valores estéticos ou políticossocial: atuando por entre os paradigmas analíticos, juízos de valor moldariam inevitavelmente o campo literário à sua imagem e semelhança. Mas qual é, exatamente, o legado desse debate? A aceitação da inevitabilidade do juízo de valor legitimaria, por acaso, a sua defesa ativa pelo profissional das Humanidades? A objetividade é apenas uma quimera, ou seria a busca do “verdadeiro” conciliável com a defesa do “belo” e do “bom”? Teria o labor teórico se transformado numa metateoria, excessivamente preocupada com a reflexão sobre a sua própria atuação na moldagem judicativa do campo investigado? E seria esse esforço de “segunda ordem” suficiente para mitigar a presença do juízo valorativo? Qual é, enfim, o papel do “método” em meio às tensões entre valor e produção de conhecimento? Tratar-se-iam, de fato, de tensões? Essas são algumas das questões que esta edição do *Caderno Floema* coloca em circulação.

A revista abre com uma entrevista com Alcir Pécora, um crítico formado em retóricas seicentistas agudas e engenhosas e que vem ocupando no cenário brasileiro um papel fundamental de estabelecer o diálogo com obras contemporâneas. Suas respostas trazem para hoje e de viva voz várias das questões apontadas pelos artigos aqui reunidos. Uma delas: sua avaliação negativa do quadro atual da ficção aponta para um esgotamento do modelo da “grande arte” ao mesmo tempo em que sugere

novos paradigmas de avaliação e inclusão quando diz que encontra mais prazer estético em textos de outros gêneros que não o ficcional. Esse deslocamento abre as portas para territórios antes impensados no campo da fruição e da experimentação.

Abrindo a seção de artigos, o texto de Roberto Acízelo produz, nas palavras do seu autor, uma “síntese histórica do percurso da crítica literária” a cobrir um arco incrivelmente amplo – das práticas (ou técnicas) de leitura anteriores à formação do campo literário (da antiguidade ao final do século XVIII) aos projetos teóricos do século XX. Com um poder de síntese invejável, o autor consegue cotejar tal panorâmica num pequeno número de páginas, tomando como orientação para a seleção da matéria histórica uma questão que arriscamos parafrasear como a seguinte: dado o déficit de objetividade doajuizamento crítico, dada a sua filiação inevitável a paradigmas estéticos e a expectativas sociopolíticas alheias à imanência do objeto, como se comportou historicamente a crítica – em especial a partir da sua fundação epistemológica como um domínio intelectual próprio, nas suas várias práticas institucionalizadas ao longo do tempo? Arrematando a sua análise sinuosa das várias repostas que esta questão demanda, o artigo conclui com uma remissão ao momento atual, em que a dissolução da estabilidade dos valores pede, mais do que nunca, o amparo consistente da teoria.

Dando prosseguimento à abordagem historiográfica, o texto de Pedro Dolabela Chagas parte de uma questão fundamental que os “usuários” da Grande Arte tendem a esquecer por incômoda demais: o porquê do lugar diminuto que a arte elevada ocupa na economia geral das trocas simbólicas comunitárias. O texto de Dolabela vai buscar a resposta não em uma vitimização Arte *versus* Mercado ou *versus* Espetáculo, mas no interior da autodefinição do campo artístico que, desde o XVIII, se cultiva: tanto melhor a arte quanto menos querida pela maioria; tanto mais elevada quanto menor for seu público; tanto mais alta quanto mais baixo for seu rendimento (ao menos inicialmente). Shiller, Schelling, Kant e Hegel vão sintetizar os campos opostos arte x vida costumeira, que o texto de Dolabela competentemente descreve e analisa. A necessidade da distinção acabou, afinal, por aproximar via ascetismo ou misticismo a arte moderna da esfera religiosa como atividade esotérica. O ensaio, ao final, contrapõe a universalidade do juízo à diversidade das práticas, e apela para alternativas de autoconceituação em vista de outras interações possíveis.

Numa direção diferente, o ensaio de Florian Klinger rompe a timidez que vem caracterizando a teoria literária recente ao retornar a uma questão filosófica fundamental: o que é “forma”? Mas não se trata de mais uma vez

respondê-la mediante a contraposição da forma ao “conteúdo”, à “substância” e à “matéria”. Aqui, Klinger inaugura uma abordagem comunicacional da forma, atrelando-a à questão da emergência da novidade ao situá-las – a forma “em geral” e a novidade formal – dentro da pragmática da linguagem. Elementos da teoria da informação são incorporados num diálogo constante com uma tradição filosófica que remonta a Kant e mesmo a Platão, e com a tradição formalista do século XX, emblematizada por Chklovski e Jakobson. Em seu salto mais ousado, o artigo situa a inovação formal no âmago não apenas da linguagem poética, mas sim de todo e qualquer jogo da linguagem: no entender de Klinger, a diferença formal não é propriedade do discurso que, como a poesia, a explora programaticamente, indo atuar, outrossim, como a energia que possibilita a própria continuidade do ato comunicacional ao bloquear o enrijecimento do significado na linguagem rotinizada. Em seu contraste com a rotinização da linguagem, numa abordagem informacional, a inovação formal se torna, ademais, “plenamente quantificável”.

Fechando a seção de ensaios, o texto de David Wellbery, traduzido por João Adolfo Hansen, versa sobre o conceito de emergência e suas aplicações da biologia aos estudos literários. Foucault, Luhmann, Gehlen e Gumbrecht são os pontos de partida para a sugestão de Wellbery de uma outra definição dos estudos literários. Qualquer configuração formal só pode ser avaliada *a posteriori*, uma vez que a emergência opera como um universo probabilístico e indeterminado. Nesse sentido, o estilo e a originalidade de uma obra podem ser redescritos como a emergência de singularidades contingentes. Nessa nova configuração, o campo dos estudos literários teria a responsabilidade de produzir autorreferencialidade, pois a emergência da emergência implica lidar com o risco e o instável de uma armação imprevisível.

O debate teórico se encerra com a resenha de Emílio Maciel sobre a importante *Trilogia do controle*, de Luiz Costa Lima, relançada recentemente em volume único após a sua publicação original em três volumes (*O controle do imaginário*, *Sociedade e discurso ficcional* e *O fingidor e o censor*). Para além e por entre a sua dissecação dos temas que orientam esta obra-mestra de Costa Lima, Maciel empreende um tipo de análise raramente aplicada ao texto crítico: a leitura formal da sua composição. Não apenas os movimentos teóricos de Costa Lima entram em foco, portanto, mas também as suas velocidades, os seus cortes, as suas oscilações, os seus efeitos de distanciamento e retorno, os seus paralelismos e repetições. Pela leitura de Maciel duas obras nos surgem aos olhos: aquela que firma a contribuição de

Costa Lima ao debate teórico no campo da literatura e aquela outra, mais subterrânea, originada pelo seu modo, extremamente complexo, de construção e dramatização do pensamento.

Na seção dedicada à ficção, *Floema* apresenta quatro poemas de Alberto Pucheu. Sua poesia, recentemente reunida em *A fronteira desguarnecida* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007), sempre surfou na linha que demarca poesia/filosofia ultrapassando sua barreira. Aqui, nesse jogo entre arte e juízo estético, o poema de Pucheu se situa exatamente dentro do furacão de águas em que o corpo do poeta se perde, submerge e sobrevive: “sabendo que, aqui, o estilo não é nada / senão o imposto a cada um pela necessidade / da vida em seus extremos”.

Marília Librandi Rocha

Pedro Dolabela Chagas

Márcio Roberto Soares Dias

Organizadores